

PROVOCANDO O RISO EM PALCOS IMPROVÁVEIS: UMA ENTREVISTA COM SORAYA SAIDE¹

Soraya Saide é atriz, palhaça e professora de teatro, formada pela EAD/USP (Escola de Arte Dramática) e pela PUC-SP, onde cursou jornalismo. Fundou há 4 anos o Palhaços Sem Juízo, projeto pioneiro de intervenções artísticas junto a crianças e adolescentes vítimas e testemunhas de violência doméstica e sexual que vão ao fórum depor. Na pandemia, o projeto criou, a convite do TJSP, vídeos da Campanha *Não Se Cale – Contra a violência à criança e adolescente*.

Soraya integrou ainda o elenco dos Doutores da Alegria por 26 anos, onde atuou como palhaça em hospitais, Midnight Clowns e eventos, tendo ajudado a fundar a escola Drs. da Alegria, coordenada por ela por 12 anos.

Revista Ao Largo: Olá Soraya, gostaríamos de iniciar pedindo para você falar um pouco de sua trajetória como palhaça.

Soraya Saide: Meu nome é Soraya Saide. Eu tenho 62 anos e com 15 eu descobri que queria fazer teatro. Tem uma história romântica, porque eu fazia escondido do meu pai e da minha mãe. Eu fui da primeira turma do teatro Célia Helena, quando ainda era um teatro escola para adolescentes. E tive sorte de gente muito apaixonada por teatro me abrir para esse mundo. Depois eu fiz a Escola de Arte Dramática, que é ligada à ECA [Escola de Comunicações e Artes], da USP. Ali eu tive outra sorte. Sempre tinha um professor convidado e no meu ano, teve um diretor italiano (Francesco Zigrino) que trouxe máscaras de palhaço e da Commedia Dell'arte. Eu fiquei encantada com aquele mundo. Passou um caminhão, me atropelou e eu não anotei a placa. Durante um tempo, eu participei de um grupo de pesquisa de Commedia Dell'arte e palhaço. E em 1993, conheci o Wellington

¹ A entrevista com Soraya Saide aconteceu em novembro de 2023 e teve como interlocutores Maria Cecilia Almeida e Silva, Ana Paula Carneiro, Ana Celina Vasconcellos e Pedro Bonfim Leal

Nogueira. Ele foi assistir ao meu grupo de pesquisa e nos convidou para ver o projeto que ele tinha desde 1991, o Doutores da Alegria.

Revista Ao Largo: E como foi esse primeiro encontro?

Soraya Saide: Eu na hora achei muito estranha aquela fala do Wellington. Na época, era inédito ter um palhaço fora do palco, do picadeiro ou da rua, em um ambiente inóspito, como um hospital. Eu fui assistir ao trabalho dos Doutores e fiquei muito impactada. Eu lembro de ver um bebê prostrado, que no final da visita estava ativo no berço, brincando com a mãe. O palhaço passou a não ter importância, só o desejo de brincar com ela. Faltava só uma provocação, e aí o palhaço fez esse papel. Em 93 eu entrei nos Doutores da Alegria. Algum tempo depois acabei criando o roteiro do primeiro espetáculo infantil do Doutores, *Vamos brincar de médico?*, que ganhou os prêmios APCA e FENSA em 2006 por transposição de trabalho social pro palco. Eu fiz ainda parte do núcleo fundador da escola de palhaços dos Doutores, onde a gente – éramos 5 pessoas – criou uma pedagogia de ensino de palhaço. Cada um vinha de uma linha muito diferente, então as discussões eram acaloradas, mas o que convergia de todas essas diferenças era a experiência no hospital. Esse tipo de experiência é muito especial para um artista, porque o público é reduzido a uma criança, uma criança e a mãe... Às vezes, a gente é absolutamente prescindível. Tanto que a gente nem frequentava o pronto-socorro. Primeiro porque você pode espalhar um monte de bicho, como uma meningite. E segundo porque quem está com o braço quebrado quer ver um médico, quer ver uma enfermeira. A gente não é importante. Isso é um aprendizado. O artista que atua com intervenção tem que observar o seu público, aprender a ler o que é necessário em cada circunstância, o que, como, se, e quando encaminhar um improviso que dê pano para uma poética, para a graça. Para afetar, é preciso se deixar afetar pelo outro. E muitas vezes em hospitais, fóruns, temos que estar inteiros, presentes e ouvintes.

Durante esse tempo, eu ainda coordenei por 12 anos a formação da Escola de Palhaços dos Doutores da Alegria. A gente, na formação, também trabalhava com

o público em geral sobre a questão do lúdico. Não da máscara. É uma formação que trabalha com a saúde emocional, um resgate da confiança no outro através do bom humor, de uma leveza nas relações, onde o brincar é o motor. Com os estudantes da formação de palhaço há toda uma preparação reforçando o vínculo com o público. Você tem que aprender a se conectar com qualquer público, tem que respirar e entender onde você está entrando, com quem está falando. A matéria-prima é a relação com o outro, e ela tem que ser construída numa base de cumplicidade, confiança. Mas enfim, eu fiquei nos Doutores até 2019.

Revista Ao Largo: E era só com crianças esse projeto com o Doutores?

Soraya Saide: O projeto do Doutores é pediatria. Exclusivo para hospitais públicos e pediatria. Mas a gente fez experiências dentro de um curso chamado *O palhaço interventor* – que era para o palhaço que já estava velho cansado, no automático. Porque a gente cai nisso, não é? Então era um momento para se rever. E aí, para os formadores estarem num lugar novo, de risco, entrar num lugar de descoberta, a gente fez uma experiência no ICESP (Instituto do Câncer do Estado de São Paulo) atendendo adultos, no cuidado paliativo e na quimioterapia. Foi uma experiência muito rica, muito forte. Enfim, o palhaço também funciona com adultos.

Revista Ao Largo: Como foi a sua passagem para o trabalho seguinte, com o Judiciário, depois de 26 anos com o Doutores?

Soraya Saide: Em certo momento, eu saio dos Doutores da Alegria, de onde fui preparando minha saída desde 2015. E em 2019 eu fui embora. É um lugar que eu amo de paixão, uma morada. Aprendi muita coisa ali. Eu cheguei lá, já era atriz, professora, já era palhaço, mas o hospital me trouxe uma completude que a gente não tem no palco. É muito gostoso o trabalho do palco, mas tem lugar determinado de ação, e do que falar, com quem falar, para onde ir. Nesses espaços inóspitos, vamos chamar assim, nesses palcos improváveis, ali tinha uma completude para mim. Tem a ver com a maneira como entendo fazer graça, e realiza o conceito que

o diretor italiano trouxe para a escola, de que a máscara se dá pela outro. Eu me constituo a partir de um outro. E isso vale para a cena, para a sala de aula, para a vida.

Quando eu saí dos Doutores, eu me perguntei “O que vou fazer da minha vida? Vou entrar na minha carreira de atriz, com currículo embaixo do braço?”. Nunca foi meu perfil entregar o cv e esperar por uma resposta, eu sempre fui inquieta e sempre gostei de abrir picadas. Aí em 2019 eu li uma reportagem de uma juíza, Tatiane Moreira Lima, que trabalhava no SANCTVS (Setor de Atendimento de Crimes contra Infante, Idoso, Pessoas com Deficiência e Vítima de Tráfico Interno de Pessoas), ali no Fórum Criminal da Barra Funda. É um setor especializado em ouvir crianças e adolescentes vítimas de violência sexual e doméstica. Fiquei encantada com o trabalho dela. Eu me surpreendi porque nunca imaginei que a palavra de uma criança tivesse peso em um depoimento. Tem uma lei recente do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), a Lei do Depoimento Especial, de 2017, que garante que a criança seja ouvida de forma protegida. Ela não tem contato com o agressor, o depoimento dela é filmado, registrado em uma sala exclusiva e ela não tem mais que repetir a história. E o que ela conta ali para a juíza, vale como prova. Eu nunca tinha tido esse entendimento.

Então fui conversar com a juíza, que abriu as portas para que atuássemos ali. Eu não queria simplesmente fazer uma transposição do trabalho de palhaço que fiz no hospital. Em 1991, quando o Doutores da Alegria começou, o contraponto da figura de maior autoridade no hospital era o médico, e ali eu não tinha vontade de fazer um juiz. Também não queria que chegássemos como palhaços, ou seja, mostrando a realidade do que somos e fomos fazer lá. Eu queria chegar como alguém que trabalhasse de fato no fórum, com as tarefas que são realizadas lá e, desse modo, poder espelhar, satirizar, cumpliciar e criar justamente esse jogo de verdade e de mentira com o público. Alguém ligado à vida e à burocracia do fórum, mas sem encarnar o papel do juiz, que é a figura de maior poder quando pensamos na justiça. A juíza então sugeriu que nós nos apresentássemos como seus assistentes, que é uma função que de fato existe. Todos os juízes têm assistentes, e mais de

um. Perfeito, porque atuamos em dupla. Espelhamento total! E eles são os trabalhadores mais próximos do juiz, sem o poder de um juiz. Brincar de ser alguém com função real realça o caráter ficcional. Só a visão de dois palhaços caminhando pelos corredores de um fórum criminal já causa uma surpresa, um estranhamento que aguça a curiosidade. Abre para possibilidades divertidas, poéticas.

Então eu criei o *Palhaço Sem Juízo*, o principal projeto da companhia de teatro A Rã Ri, e convidei a Roberta Calza, atriz e palhaça com quem trabalho há mais de 20 anos, a Gabriela Lois, o Victor Mendes e, mais tarde, a Amanda Schmitz. E a gente sempre atua em dupla. O projeto tem 4 anos.

Revista Ao Largo: Por que esse nome, *A Rã Ri*? É um nome curioso.

Soraya Saide: *A Rã Ri* é uma música da Tetê Espíndola, divertida, cheia de onomatopeias. A rã simboliza a metamorfose, e depois de 26 anos trabalhando no Doutores, eu estava transmutando. Eu não conhecia nada do Judiciário. Para mim, Judiciário tinha o juiz com a toga, peruca. Eu tinha aquele imaginário dos júris populares americanos, a corte, o advogado e o promotor. E esse universo é de uma riqueza, eu estou apaixonada. É muito impressionante, ali é onde se dá tudo, onde o demasiadamente humano acontece, desde a maior violência. Espelhamos os assistentes da juíza, e nos damos muito bem com eles. Mas claro que tem disputas, não é? Nós temos no elenco dois palhaços que criaram o cargo do primeiro assistente. Nem existe essa hierarquia, mas os palhaços criaram. Então eles inventam competições com os assistentes reais para destituí-los, tirá-los da sala da juíza. Tem quizz, forca... São breves momentos divertidos do dia, de respiro.

Revista Ao Largo: E como é a receptividade das crianças no fórum?

Soraya Saide: O fato de a criança estar num lugar como o fórum, em que ela não sabe o que vai acontecer, e vê uma dupla de palhaços faz com que ela intua que aquele lugar está querendo se traduzir para ela. Acho que isso já provoca uma disposição. E a sala é bonita, é aconchegante. Tem equipes preparadas ali, os

psicólogos, os assistentes da juíza. Todos são maravilhosos. E as juízas são muito especiais. Elas dizem para as crianças e os adolescentes, depois do depoimento: “muito obrigada por você ter contribuído com a Justiça”. Para as crianças é muito importante falar, ter direito de se defender.

Criança percebe a questão da injustiça com muita clareza. É impressionante ver. Mesmo em outros contextos, como na escola, no prédio onde moram. Elas contam coisas em relação a bicho. “Ah, por que o vizinho maltratou um cachorrinho?”. Ou trazem questões da escola, do amiguinho que apanha em casa. Então é curioso como é um sentimento muito profundo, muito humano. Quando eles depõem, quando eles contam, quando enfim se expressam, é libertador.

E tem situações engraçadas. Uma vez a gente estava numa sala, em que arrumaram um lanche, e foram crianças de várias idades e condição social. E um menino apareceu carimbado com um “urgente” na testa. Imagina uma criança, que devia ser a menor do grupo, com um carimbo escrito “urgente” na testa. A vó do menino ficou aflitíssima. Ela perguntava: “quem fez isso em você? A gente ainda vai pegar o trem e o ônibus!”. Estava muito preocupada. E eu não sei se foi ele mesmo que se carimbou ou foi o irmão dele, um pouco mais velho. A confusão foi armada. A gente não descobriu quem usou o carimbo, mas virou um julgamento. E uma menina mais velha e bem articulada disse “eu vou ser a juíza!” e se sentou numa cadeira. E eu tirei o meu casaco e ela pôs assim por cima do ombro, virou uma toga. Ela falou para o irmão dela: “você vai ser o promotor”. Aí claro, o primeiro suspeito: a palhaça! Então eu botei a culpa na avó. A gente desconfia que ele mesmo se carimbou sem querer. Porque eu acho que ele nem sabia ler. Ele era pequenininho. Mas virou um jogo. E a gente foi circulando a culpa entre todos, criava uns piques. Ainda quero transformar esse improviso num espetáculo. O tema da culpa que transita, uma criança com um carimbo de urgência – essa situação ilustra bem o convite à ficção que as crianças na verdade manipulam muito bem, mesmo em situações doloridas, como as que levam elas ali ao fórum.

Revista Ao Largo: Que maravilha essa história! E é um lugar muito corajoso o que vocês estão. Porque na hora da confissão, é possível que as crianças e adolescentes revivam o que viveram, o que muitas vezes ficou como trauma. E antes e depois desse momento, vocês estão lá.

Soraya Saide: Um juiz uma vez me perguntou “Tem a ver palhaço e violência?” Tem a ver. É um momento especial o dia em que a criança vai contar a sua verdade dos fatos, se defender de uma crueldade, pedir por justiça. E poder receber, acolher a criança, o adolescente, e, por meio da arte, buscar fortalecê-los para que se expressem livremente. Eu não imagino outro lugar para exercer meu ofício. A arte tem um papel de nos afetar, fazer vislumbrar saídas e o humor potencializa isso, rir demanda um esforço e um fluxo. Eu tenho receio de falar em cura, mas acho que quando a gente enfrenta a vida nos permitindo rir, dá outra qualidade. Em *Grande sertão: veredas*, o Guimarães Rosa diz que “o que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza”.

O que acontece num fórum com a criança, a família e o trabalho cuidadoso das juízas pode ser comparado com aquela técnica japonesa kintsugi, em que a gente pega uma cerâmica, uma porcelana quebrada e as restaura. Você não esconde o remendo, você pinta com ouro. É muito bonito, porque tem uma dimensão humana muito profunda e muito delicada. Está lá a rachadura, mas trabalhada com ouro, a cerâmica se transforma. Um trauma não precisa definir uma criança.

Revista Ao Largo: E de onde que você tira energia, como você consegue esse fôlego para trabalhar com situações tão fortes como essa?

Soraya Saide: Primeiro de tudo, tem a linguagem, a técnica. Nós usamos o nariz como código. Só se a criança tiver medo de palhaço, aí eu tiro o nariz. O trabalho acontece em dupla, a gente nunca vai sozinho. E nosso grupo se reúne toda semana. Então a gente conversa bastante a respeito. E a gente também trabalha a questão técnica. Não dá para chamar de ensaio, mas tem esse encontro. Mas fora

isso, eu acho que tem uma coisa que não sei nem explicar. É claro que às vezes eu saio assim mexida, mas na hora eu não penso muito. Porque às vezes tem criança ali que tem três anos. Você pensa “como é que pode, não é?, que desigualdade, que violência!”. Mas se eu ficar nisso, eu paraliso. Ali na hora eu procuro ter uma neutralidade para trabalhar. E o que aconteceu foi que, depois da pandemia, por biossegurança, a gente deixou de circular tanto pelo fórum, e acabou ficando muito com os pais. As crianças saem para depor e os pais ficam na sala de espera. E eles desabam. Eles conversam, não sobre o crime, mas eles falam “eu estou há três noites sem dormir desde que marcaram a audiência,” “ela não comeu direito hoje”, “eu tenho muito medo dela não lembrar, porque já faz tempo”, “eu tenho muito medo dela lembrar, contar e depois o que que isso vai trazer de volta...”. É quase que um confessorário. Mas eu tenho certeza de que se estivéssemos sem o nariz, não ia acontecer. Porque o palhaço está num não lugar, no lugar da ficção. Eu sou um palhaço, o que abre para a imaginação, o riso, a memória, nonsense, o que abre para muita coisa. E às vezes a gente não faz nada, a gente só escuta.

Tem situações que são muito marcantes, como a de uma jovem mulher, ela devia ter uns 30 anos. Ela era muito delicada, parecia uma criança, tanto que ela estava lá para depor em depoimento especial. A gente entrou e ela estava lendo um livro de fadas. E ela contou que desenhava muito bem. E quando eu falei que me chamava Sirena, que era sereia em italiano, ela se encantou. Ela disse “adoro desenhar sereia”. Ela me desenhou uma sereia e foi para o depoimento. A gente encontrou a assistente da juíza no corredor e ela disse que a moça estava emocionada, precisaram fazer um intervalo. Ela tinha ido depor sozinha, morava muito longe do fórum. A gente estava para ir embora quando a assistente disse “ela está muito preocupada, porque ela está ainda em depoimento e quer terminar o desenho para vocês”. E eu falei: “a gente espera”. A gente ficou, essa menina saiu do depoimento, voltou para a sala de espera, ela pintou, sombreou, e quando a gente achou que ela ia entregar, ela disse “falta o contorno”. A gente saiu de lá às 7:00 da noite. A gente normalmente sai às 5:00. Porque o fórum fecha. Mas ela precisava desse tempo para se fortalecer, ela ia embora sozinha. Contornar o

desenho, passar e repassar o lápis, definir cada detalhe. É explícito. Ter direito à voz. E o desenho ficou lindo!

Revista Ao Largo: A gente está numa época de muitos revisionismos, como o dos usos da linguagem, em que muitos termos são avaliados pelos seus efeitos ofensivos. O que você acha do uso corriqueiro do termo palhaço, quando se diz, por exemplo: “Ah, você está me fazendo de palhaço”? E gostaria de acrescentar a essa pergunta uma outra, sobre a sua compreensão sobre o que é um palhaço.

Soraya Saide: Eu tenho colegas que ficam indignados, dizendo “mas eu estudei tanto...”. Eu acho maravilhoso. Pode chamar! É esse o lugar. Trouxa, perdedor, o bobo. Ele está nesse lugar. O palhaço personifica o erro, o fracasso. Quando a gente quer ser educado e não falar palavrão, do que a gente xinga? “Palhaço!”. “Ele me fez de palhaço”, “ela me fez de palhaça”. E está certo. Ele tem como função no espetáculo ser aquele que perde. Ele pode ser cruel, pode ser perverso. Não é sempre o ingênuo bonzinho, inocente, mas é um perdedor por função. Ele está muito relacionado com a sombra. O Fellini usa o palhaço nos filmes de uma maneira muito bonita. Ele tem um documentário chamado *Clowns* (1970), feito a partir de uma questão colocada para ele sobre se o palhaço ia morrer. E ele responde com o filme e uma entrevista que foi publicada², em que ele diz que o palhaço nunca vai morrer, porque o palhaço é a sombra do homem. E nunca haverá um homem – no sentido da humanidade – ao meio-dia, totalmente iluminado. Sempre haverá uma sombra.

O Léo Bassi, um palhaço de tradição circense há 5 gerações, diz uma coisa que eu gosto muito. Ele é tido como um bufão, porque ele é muito violento. Nos espetáculos, ele tranca o público e ameaça com lança-chamas, ele é terrível. E o Léo Bassi fala que o circo é a vingança do pobre contra o burguês, tudo é espetacular, extraordinário. O palhaço vem para humanizar o espetáculo. A gente vai prendendo a respiração durante as maravilhas impossíveis de um ser humano

² FELLINI, Federico. *Fellini por Fellini*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

comum fazer, e quando finalmente o palhaço entra, e vai voar, mas tropeça e cai, vai cuspir fogo, e sai chamuscado, é quando a gente finalmente solta o ar e retoma o fluxo natural da respiração. Ha-ha-ha. Retoma o fluxo natural da respiração. Eu acho essa ideia como exemplo da função do riso algo muito legal. O riso é humanizador.

E pegando ainda o viés do riso, tem um papiro egípcio, de mais de 3 mil anos antes de Cristo, que fala da função do riso. Recolhido pelo Prof. Boris Schnaiderman, infelizmente já falecido, do departamento de Letras da USP. E no papiro está escrito: “Quando os deuses se encontraram e riram pela primeira vez, eles criaram o os planetas, as águas, o dia e a noite./ Quando eles riram pela segunda vez, criaram as plantas, os bichos e os homens./ Quando gargalharam pela última vez, eles criaram a alma”.

Revista Ao Largo: Sobre o tema do riso, uma das primeiras definições que o Henri Bergson dá no seu livro sobre o assunto³ é que o riso é um fenômeno social. É um gesto que nos tira de uma tendência ao isolamento e nos reconecta com a vida em sociedade. Partindo dessa ideia, mas expandindo para outras direções, podemos pensar se nesses seus trabalhos – tanto no hospital, quanto no fórum –, o humor não é um convite de reconexão. Em primeiro lugar para aqueles espaços, como uma porta de entrada. E mais amplamente ainda, pensando em pessoas que sofreram violências, se não seria também um riso que traz de volta à vida, no sentido de que vale a pena viver. E já que você falou em Fellini, podemos considerar o final de *Noites de Cabíria* como um exemplo de chamado desse tipo pelo riso.

Soraya Saide: Totalmente, o riso reconecta. É um facilitador, se o convite for o de rir com o outro, e não rir do outro. Ele dimensiona o estar vivo, o convívio, a cumplicidade, o pacto, a coragem. Eu me lembro de um episódio no fórum com uma adolescente, ela saiu para depor e nós ficamos com a mãe, a tia e a avó da menina.

³ Livro *O riso*. Cf. BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. São Paulo: Edipro, 2021.

Até então estávamos num clima de graça, reclamando do nosso trabalho enquanto assistentes da juíza, muito trabalho, tudo recaía sobre os nossos ombros, e oferecemos um café de mentirinha, que toda repartição pública tem que ter. E nesse momento, a garota retorna para a sala, visivelmente emocionada. O clima imediatamente mudou, a preocupação e a vontade de falar com ela dominou a situação. Imediatamente, nos preparamos para sair da sala e dar espaço para que pudessem conversar à vontade. Como estava com xicrinha na mão, num último gesto, ofereci para a menina, que, surpresa, aceitou. Eu fiquei surpresa dela ter aceito, porque ela estava com os dois pés enfiados numa realidade duríssima. Mas talvez por isso mesmo ela tenha aceito. Ela ria e chorava ao mesmo tempo, e entre um gole de mentirinha e outro, ela dizia: – eu não acredito que estou tomando esse cafezinho.

Cabíria é a vulnerabilidade em último grau, uma beleza, uma carga dramática, humana e cômica. Aquela atriz (Giulietta Masina) é um poema!

Revista Ao Largo: E falando do riso, queremos indagar sobre o seu contrário. Existe uma expectativa com relação à educação de uma sisudez, como se o saber estivesse vinculado a uma seriedade excessiva, não no sentido de comprometimento, mas de uma não flexibilidade. Isso vem sendo repensado nas últimas décadas de diferentes maneiras. Na sua experiência, o que você acha sobre a conexão entre educação e humor?

Soraya Saide: O riso é muito libertador, não é? Durante muito tempo, mulher foi educada para não rir. Mulher não gargalhava, mulher sorria. Eu estudei no período militar, em escola estadual. Ficávamos de pé na entrada e saída dos professores na classe, sinal de respeito. E mantínhamos os olhos baixos. Eu tinha um professor, general da reserva que criava uma armadilha. Ele perguntava “Alguma dúvida?”. E coitado de quem tivesse. “Sua burra!”. Então, a gente muito rapidamente percebeu que não tinha que ter nenhuma dúvida. Era muita humilhação. Tinha também uma professora que dizia que a gente era um câncer na aula. Imagina, falar isso para adolescentes de 12, 13 anos. Tinha muito protocolo que nos afastava do prazer de

aprender, de manter a curiosidade alta. Alguns professores, se não pusessem a gente de pé, com medo, sem respirar, parece que não sobrava nada. Pensando a partir de agora, a escola no meu tempo não tinha humor! Mas a gente dava um jeito de rir, aí sim, deles. O riso era detonador.

Por outro lado, tinha exceções, ainda bem! Eu tive uma professora de história que era uma delícia, imaginativa, vivaz, apaixonada pelo tema, gostava dos alunos, de ver a gente pensando, fazendo.

Eu gosto de atuar com formação, acho bonito ver como as pessoas vão se organizando, entendendo seus processos criativos, criando. Os temas que as habitam e como os desenvolvem. Eu acredito que qualquer que seja o fim, se vai ser um espetáculo ou aprender determinada linguagem ou um curso para não atores, a base é a da confiança e o humor é chave para isso. Acredito que a criação tem que ser prazerosa, para isso o ambiente em sala de aula tem que ser receptivo. Porque quem cria fica exposto, o treino é duro, nem sempre a ideia que a gente traz resulta numa ação esperada. A gente amarga frustração e faz parte.

Deve haver um combinado, chegar no horário, desligar celular, roupa de treino. Não por rigidez, mas para criar um ambiente propício à criação, respeitoso, porque, ao mesmo tempo que a criação demanda uma solidão, ela é também um trabalho coletivo, então é importante cuidar desse terreno, para que seja fértil, feliz. Assistir a um improviso do colega com atenção, observar é aprender. Quem observa, abre uma porta que facilita a ação e a reação em cena e fora dela, é um exercício de leitura de contexto.

Revista Ao Largo: A gente falou há pouco sobre os revisionismos da linguagem. Dentro desse fenômeno recente, há também o questionamento de muitos tipos de humor, se isso ou aquilo é engraçado. Como você se posiciona dentro dessa questão?

Soraya Saide: Eu sou francamente pelo *rir com*. No meu trabalho, eu tenho que tomar muito cuidado, porque eu lido com crianças e adolescentes que foram

violentadas, que foram estupradas. O público criança adora ver palhaço se dar mal, exploro o cair, o errar, mas não trabalho com a surra, bater ou apanhar. Os tapas na cara, que no circo são divertidos, no contexto em que atuo, não, é um banho de realidade cruel. A gente está numa realidade de violência sexual, doméstica. Se conseguir um riso, é um riso que não vale a pena para mim. Então, a gente toma bastante cuidado. Num jogo em dupla, um palhaço pode até enlouquecer. Se a criança enlouquece junto, tudo bem. Mas se a criança recua, ela tem que ter a segurança de que alguém está com ela ali, na mesma energia. Então sempre um palhaço vai espelhar a criança. E para eu espelhar, eu tenho que estar maleável, tenho que estar disponível. É claro que quando vem a gargalhada, é uma delícia, mas o maior resultado é a conexão, a confiança que a gente estabelece.

Não é infantilizar o palhaço. Eu sou uma mulher de 62 anos e não posso pôr uma chuquinha, não dá, não é? Então não é a infantilidade, mas é a infância no que ela tem de primordial, do primeiro impacto mesmo. Que é espanto, e que depois vai se transformando em curiosidade. Acho que é como a criança apreende o mundo, e o exercício do palhaço é esse, o de conhecer o mundo de novo. Eu tenho que ressignificar, porque eu não chego pronta. Eu tenho que chegar meio-pronta. Eu também sou alguém, eu não estou vazia.

Revista Ao Largo: Uma outra pergunta derivada desse tema do revisionismo é sobre a associação entre palhaço e o universo masculino, imagem que está muito arraigada no imaginário coletivo. Como é para você essa relação entre palhaçaria e machismo?

Soraya Saide: No imaginário das pessoas, os homens dominam a palhaçaria. As mulheres estão mudando já há algum tempo esse cenário. Tem movimentos, festivais e coletivos feministas, como o grupo Circo di Soladies, ocupando os espaços e fazendo história. Mas quando eu fazia palestras com os Doutores, aconteceram duas situações – uma no Paraná e outra em Minas. Geralmente quem fazia as palestras era o Ângelo, colega de elenco, e o Wellington. O Wellington no papel de palestrante sério e o Ângelo, de palhaço. E aí chegou o Ângelo e eu. E a

pessoa que organizava o evento perguntou “cadê o Wellington?”. “O Wellington não veio. Hoje sou eu e ela”. “Ué, mas ela é mulher!”. Teve também uma gerente de banco onde a gente foi fazer outra palestra que teve uma reação parecida, mas depois da apresentação se desculpou. Ela foi linda, porque me mandou justamente uma foto da Giulietta Masina. Ela disse “ai, desculpa, mas é uma quebra de paradigmas”.

Historicamente, tem um documentário muito bonito, *Minha avó era palhaço*, sobre a Dona Maria Eliza Alves dos Reis. Ela se fazia passar por homem fazia um palhaço, homem.

A Comédia dell’arte é importante nesse processo, porque ela marca a atuação como profissão, função social e a mulher ganha o palco. Porque até então eram os jovens imberbes que faziam os papéis femininos. E as mulheres roubam o palco, porque eu acho que o palco é muito feminino. Mas sobre a linguagem, eu não me importo. Eu falo a linguagem do palhaço, a máscara do palhaço, o arquétipo é masculino. E eu sou uma palhaça, que é minha profissão. Só que se você me chamar de palhaço, está tudo certo. Mas sim, eu vivi na pele esse preconceito. E confesso que me surpreendi, não tinha me dado conta até acontecer. Nunca me passou pela cabeça “sou mulher, não posso ser palhaço”.

Revista Ao Largo: Usando todo o seu tempo de experiência com palhaçaria, queremos recolocar a questão proposta pelo Fellini em 1970, no seu documentário, mas voltando a ela 50 anos depois: qual é a atualidade do palhaço?

Soraya Saide: Ah, eu acho que é total. A gente está vivendo muita mentira. O que o Paulo Gustavo lindamente falou é verdade: o riso é revolucionário. Num ambiente tão duro que a gente viveu (o da pandemia junto com um governo de extrema direita), o riso dessacraliza. O palhaço é uma máscara primitiva, que te religa, te reconecta com o lúdico, com o brincar, com o riso. É um chamado à espontaneidade, à criatividade. E, de novo, o Fellini:

“O clown representa uma situação de desnível, de inadequação do homem frente à vida. Através dele exorcizamos a nossa impotência, as nossas contradições e principalmente a luta ridícula e desproporcional contra os fantasmas de nosso egoísmo, de nossa vaidade e da nossa ilusão.

O clown é o homem inferior à realidade que o circunda, é inadequado para sustentar o desejo e a possibilidade de satisfazê-lo.

O clown representa na forma mais eficaz, comovente e cômica, um ser que se encontra em um mundo enorme e desconhecido e apesar de ignorá-lo, acredita poder enfrentá-lo.”